

A EXISTÊNCIA DEVE SER ALGO MAIS: ROSÁLIO E O DESEJO DE GANHAR O MUNDO EM *O VOO DA GUARÁ VERMELHA*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

EXISTENCE MUST BE SOMETHING MORE: ROSÁLIO AND THE DESIRE TO CONQUER THE WORLD IN O VOO DA GUARÁ VERMELHA, BY MARIA VALÉRIA REZENDE

DOSSIÊ: O REALISMO E SUA ATUALIDADE

25 anos de Crítica Dialética na UnB



ORGANIZADORES:

Alexandre Pilati



Deane de Castro e Costa



Martín Ignacio Koval



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM

v. 34, n. 68, ago. 2025

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v34i68.57824

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 07/04/2025

Aceito em: 21/06/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Deivisson Ricardo Januário Silva  

UFMG | deivissonufmg@gmail.com

Roberta Guimarães Franco  

UFMG | robertagf@uol.com.br

Resumo /Abstract

Este artigo analisa o romance *O voo da guará vermelha* (2014), de Maria Valéria Rezende, a partir da noção de invenção de si e do desenvolvimento da subjetividade como modo de subversão da condição de marginalidade dos personagens. Partindo do conceito do realismo afetivo, a pesquisa busca pensar construções identitárias para além do trauma que possam ser vias de resistência. O trajeto dos personagens centrais, Rosálio e Irene, por meio da memória e da ficcionalização, propõe um modo de emancipação que lhes permite a reconstituição não apenas de sua história individual, mas uma narrativa que coloca esses personagens em um novo espaço da memória coletiva. O artigo estabelece um diálogo com teóricos da literatura e da memória cultural com o objetivo de mostrar como o romance reconfigura a experiência do subalterno por meio do imaginário.

Palavras-chave: imaginário; memória, realismo afetivo, subalternidade.

This article analyzes the novel *O Voo da Guará Vermelha* (2005), by Maria Valéria Rezende, through the notion of self-invention and the development of subjectivity as a means of subverting the characters' marginal condition. Drawing from the concept of affective realism, the research seeks to explore identity constructions beyond trauma that can serve as pathways to resistance. The journey of the main characters, Rosálio and Irene, through memory and fictionalization, proposes a mode of emancipation that allows them not only to reconstruct their individual histories but also to build a narrative that places them in a new space within collective memory. The article engages literary and cultural memory theorists to demonstrate how the novel reconfigures the subaltern experience through the imaginary.

Keywords: imaginary, memory; affective realism, subalternity.

INTRODUÇÃO

Como a linha de um novelo, Rosálio, personagem central de *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, encontra a ponta do início da narrativa e a desenrola, contando sua história. Retornando à origem, relata o surgimento da Grota dos Crioulos, comunidade criada a partir da remissão dos pecados de um homem muito rico que em um certo dia é visitado pelo Arcanjo Miguel. O anjo lhe mostra em sonho a sua alma: “tão feia, tão má, medonha!” (Rezende, 2014, p. 25). Arrependido, implora para que Deus tire sua vida. Contudo, o arcanjo diz que seu pedido será atendido somente após entregar aos pobres toda sua riqueza, também teria que carregar para o alto de uma serra a quantidade de pedras que correspondesse ao número de seus pecados.

Cumprida a ordem do arcanjo, rendeu-se, largando o corpo sobre a serra e teve sua alma finalmente levada, perdoado por Deus graças ao seu arrependimento e por clamar por Jesus. No local onde entregou sua vida ao divino nasceu um “olho-d’água que não seca nunca porque é água do perdão de Nosso Senhor” (Rezende, 2014, p. 25). Essa corrente de água com o tempo perfura o solo, formando uma gruta onde pessoas negras escravizadas se refugiam.

É na Grota dos Crioulos que Rosálio nasce, “nas dobras daquela serra sem nome” (Rezende, 2014, p. 27). Ambiente constituído pela natureza, no qual a realidade material está em sua condição primária. Uma gênese ilustrada a partir do ideário católico da autora, cuja constituição propicia a condição para que a criação seja possível naquela terra virgem, onde, assim como nas Sagradas Escrituras, germina a “relva, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sobre a terra” (Bíblia, Gn, 1, 11). É nesse “canto que ninguém podia achar” (Rezende, 2014, p. 27) onde se inicia a invenção de Rosálio no romance *O voo da guará vermelha*, publicado em 2005.

Rosálio sente fome, mas não da escassez somente de alimento; como diz o narrador, “é uma fome da alma que aperreia Rosálio, lá dentro, fome de palavras, de sentimentos e de gentes, fome que é assim uma sozinhez inteira, um escuro no oco do peito, uma cegueira de olhos abertos.” (Rezende, 2014, p.6). Uma condição que se estende a Irene, por quem se apaixona. É um desejo por se certificar de que a existência é algo a mais do que a eles foi designado.

Embora sejam personagens ficcionais, eles têm sua construção fundamentada em um liame para onde convergem realidade e invenção. Não se trata de autobiografia ou autoficção, romance histórico ou metaficção historiográfica, mas um texto possível, assim como os outros da escritora, a partir de vivências individuais e coletivas, experiências que não se caracterizam necessariamente como extraordinárias. Ao contrário, Rosálio, Irene, os personagens de Rezende de modo geral, poderiam ser quaisquer brasileiros. É uma escrita, nesse sentido, não se constrói como relato histórico ou biográfico, mas encontra neles complementaridade, como se estivéssemos diante de realidades inventadas. Pensando nisso, é interessante, inicialmente, traçar alguns fragmentos biográficos que atravessam o itinerário de Rezende, e nos possibilitam considerar uma construção desses personagens que não seja desligada de uma realidade própria e da trajetória pessoal da escritora.

Nesse sentido, consideramos que conceber o romance a partir de uma ótica que exclua um contexto externo poderia configurar uma abordagem limitadora, visto que há uma multiplicidade de perspectivas que possibilitam pensar elementos extraliterários sem que se perca a fundamentação da narrativa. Se nos valermos de Pierre Macherey (1966), por exemplo, é inevitável o questionamento da razoabilidade atingível ao considerar o contexto histórico que contorna a obra. Para o autor, embora essencial, o recorte historiográfico ainda não seria suficiente. Então propõe um entendimento que se comprometa a um nível maior com a complexidade da obra, uma camada de análise que estaria camuflada e que carregaria um formador ideológico que a transcende.

Portanto, há uma estrutura maior, ou seja, histórica, ao mesmo tempo que o texto se constitui por aquilo que é essencialmente seu. Assim, Macherey recusa a ideia, provinda de teóricos mais conservadores, de que a compreensão da obra em um âmbito que ultrapassa o formalismo textual a desloca de seu próprio cerne. No entanto, reconhece que contemplá-la apenas nessa macroestrutura pode afastá-la de sua singularidade, assim como da possibilidade de outros sentidos.

Nesse viés, propomos uma análise do romance *O voo da guará vermelha* que se firma no equilíbrio entre a vinculação da obra ao contexto histórico e ideológico que a circunda e um enfoque na sua construção formal, especialmente a partir do desejo da personagem Rosálio sobre si mesmo e o seu lugar no mundo. Não pretendemos, obviamente, realizar uma espécie de verificação histórica em

O voo da guará vermelha, afinal os referentes sequer estariam no texto, mas considerar sentidos não tão óbvios, tal como Macherey.

Para tanto, é interessante retomar passagens da jornada da autora, visto que é um percurso individual, mas também coletivo. Esse itinerário nos permite inferir as raízes, ou parte delas, que fundamentam a narrativa do romance, cuja estrutura se ajusta a um tom enunciativo entre o realismo e o poético. Investigar esse entre-lugar da voz narrativa pode nos ajudar a compreender a origem dos Rosários e Irenes elaborados por Rezende, frutos de sua invenção, mas que possuem a capacidade de representar seus similares do mundo real.

A EDUCAÇÃO E O DESEJO DE MUNDO

Apesar da sua aproximação com o trabalho de base já em sua formação primária parecer uma experiência mais individual, não podemos desconsiderar os contornos históricos dentro dos quais estava Maria Valéria Rezende e a geração de religiosas da qual fez parte. O processo de amadurecimento intelectual da jovem escritora ocorre durante os anos cinquenta, experiência que, segundo a autora, não é possível explicar, “apenas estando lá para saber” (2020, s.p.). Rezende refere-se ao emergente cenário de intensas transformações político-culturais: os processos de industrialização, a hegemonização dos blocos políticos tomando novas rotas, ao passo que o capitalismo se insere no campo. Com o estabelecimento do governo de João Goulart, há um crescimento dos movimentos de esquerda que colocam no debate público questões como a reforma agrária. Forma-se, então, a primeira liga camponesa do Brasil, em Pernambuco, composta por trabalhadores que, em lugar de ideologias assistencialistas, priorizavam a organização política para mudanças efetivas que beneficiassem a classe trabalhadora.

Na América Latina, tomava corpo uma nova teologia, próxima ideologicamente da ótica progressista religiosa de Rezende: a Teologia da Libertação, que para Leonardo Boff (1998, p. 27) seria uma resposta a “teologia do cativo”, ou seja, a libertação é contrária à experiência religiosa tradicional dinamizada hierarquicamente, o que retira a espiritualidade da ordem do humano. Assim, os teólogos da libertação propõem uma religiosidade como experiência humana, uma retomada de si como enunciador. A realidade social é o espaço no qual o ato religioso se fundamenta no âmbito da práxis, e não mais exclusivamente no campo místico.

O processo de construção de si do personagem Rosário é firmado nessa lógica subversiva. Exemplo alegórico disso é a resistência de Irene em um primeiro momento para compreender a escolha do sobrenome dele: Rosário Conceição. Ele explica a influência de Santa Conceição, cuja pureza foi protegida do pecado original desde o seu nascimento. Como pode, questiona Irene, um Curumim, “sem mãe nem pai e pagão” (Rezende, 2014, p.60), dar a si mesmo um nome santo? Um ato de profanação, ou seja, retirar aquilo que está em uma esfera superior, hierarquizada, e por conseguinte mantendo uma estrutura de separação, e trazer para o âmbito humano. Rosário assume a postura de alguém que quer narrar o mundo em suas próprias palavras, porém, sem dispensar o divino, e nem mesmo o imaginário.

Com a instalação do regime militar, Maria Valéria Rezende renuncia à carreira profissional, assim como a qualquer tipo de estabilidade pessoal. Invisibiliza-se no meio da população, passa a viver nas periferias e nos interiores do Brasil, atuando como educadora popular. Um período que de forma muito interessante parece influenciar a essência de seus personagens, quase sempre em trânsito. Esse permanente deslocamento, especificamente o que vemos em Rosário, é mediado pelas constantes contradições: divino ↔ humano, mundo concreto ↔ mundo do imaginário, trânsito interno ↔ trânsito externo.

Macherey argumenta que o espaço entre o imaginário e a ficção é resultado do desenvolvimento da narrativa na contemporaneidade. Isto é, a imaginação não se reduz à mera tentativa de representação do real, mais do que isso, mostra-se como uma ferramenta para dar sentido ao mundo concreto. Isto é observado no romance ao constatar que o arco narrativo de Rosário é estabelecido em vista de sua jornada em busca do letramento formal. Um processo que se dá tanto no imaginário quanto no seu mundo material.

Esse entendimento reivindica uma distinção, bem pontuada por Macherey, entre representação e figuração. O anseio do texto não seria apenas a representação do real, mas investigar os signos que permitem a soberania do ser humano em relação à natureza:

Figurar significa algo mais do que representar, pois é necessário inventar, ou ao menos colecionar, os signos visíveis sobre os quais essa aventura essencial pode ser lida. A leitura desses signos oferecerá, de fato, uma certa representação do projeto; mas antes é preciso descobrir esses signos. (Macherey, 1966, p. 171)

Rosário não apenas representa o seu processo de educação, ele é figurado no texto. Embora haja certa formalidade do letramento, por meio de Irene, — mas que se inicia junto ao seu itinerário pelo mundo, compreendendo suas vicissitudes, os arranjos de opressão que amarram histórias nas outras — a jornada de uma educação libertadora se dá a partir da experiência em si: Rosário é o próprio processo. Esse trânsito, interno e externo, é o que garante a ele o desenvolvimento das subjetividades que lhe foram roubadas.

A representação é amparada em valores e crenças, em um sistema lógico, uma disposição que não permite questionamentos. A figuração, por outro lado, possibilita a transcrição da ideologia no texto. Torna-se visível no mundo material e evidencia-se suas limitações e contradições. Nesse sentido, é pertinente afirmar que o *Voo da guará vermelha* é um romance fortemente figurativo. Seu enredo não se limita a relatos de realidades subalternizadas. A estrutura narrativa é permeada por traços de oralidade e a retomada de memórias ganha imagens, sons e movimentos, de modo que eleva a sua capacidade de romper com o “vazio no oco do peito”.

Uma figuração que se aproxima da vida que a autora levava durante os anos da ditadura militar: experienciando uma vida invisível pelo território nacional, aprendendo a observar o mundo com os olhos daqueles que não pertencem aos discursos dominantes. Mistura-se a outras vozes roubadas, em uma tentativa de unir-se a elas e condicionar uma voz que superasse a sua, isto é, uma enunciação do povo. São nesses espaços subalternizados onde fragmentos de Rosários e Irenes vão sendo coletados e reorganizados de forma que tomam sentido por meio da voz narrativa do romance.

Assim, a mencionada contradição entre espaço do imaginário e espaço do real é um campo substancial que oportuniza o rompimento com plano de subalternização. A mediação dessas duas categorias (imaginário x real), no romance, é realizada pela educação. Entretanto, não a educação bancária, mas uma educação libertadora, tendo em vista a atuação de Rezende como educadora popular.

O romance foi publicado durante o primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Havia uma expectativa de que o novo governo possibilitaria o investimento na educação, sobretudo a de base. Rezende temia que as pessoas não compreendessem a magnitude da transformação educacional que um partido operário poderia implicar no ensino do Brasil — “minha intenção com *O Voo da guará vermelha* era dizer para as pessoas: o Brasil era assim até agora” (Rezende, 2020, s.p.). Embora o contexto histórico não seja explícito no romance, e tampouco intencionamos fazer esse recorte direto, a lógica de libertação por meio da educação embasa todo o percurso narrativo de Rosário.

A reiteração desse enfoque é justamente por considerarmos a obra para além de uma suposta imobilidade estética e ideológica, dado que, em diálogo com Raymond Williams (1977), o texto está em constante movimento, cuja variação está ligada à temporalidade e ao contexto. Para Williams, a obra não pertence exclusivamente ao passado, já que seu sentido está sempre se reformulando no presente. Desse modo, ele propõe duas categorias de consciência: uma oficial e outra prática. A oficial seria aquela estabelecida por culturas dominantes, instituições, ou seja, discursos universalizantes. Em contrapartida, pertencem à consciência prática formulações de pensamento que não integram discursos oficiais.

Estamos em busca, portanto, das consciências práticas. Como pontua Williams (1977, p. 133), elas são disposições de pensamento antagônicas ao silêncio imposto, sob o qual, articulando isso ao romance, está Rosário. É essa consciência prática que permitirá ao personagem a evocação de histórias. Isso ocorre a partir de uma estrutura de sentimentos que viabiliza a retomada de experiências sociais, não instituídas por essas consciências oficiais. Em vista disso, é interessante analisar a condição de Rosário sob a ótica de Williams. Em um contínuo cansaço, em função da esgotante carga de trabalho e da ausência de perspectiva de futuro, Rosário não se distingue da multidão tingida de tonalidades parecidas, como diz o narrador, num cinzento encarnado. Tão inexistente quanto outros brasileiros da classe trabalhadora, marcado pela subalternidade, não possui forças sequer para imaginar possibilidades que o levem para fora daquela carência de si: “Tudo tão nada que Rosário nem

consegue evocar histórias que o façam saltar para outras vidas, porque seus olhos não encontram cores com que pintá-las.” (Rezende, 2014, p.6).

Esse apagamento de imagens é justamente o que podemos notar no discurso militar a respeito da educação, que via a população apenas como peça do processo de produção. Se trouxermos essa análise para o romance, fica claro que o propósito de Rosário, de aprender a ler e assim conquistar o mundo, é na verdade o desejo de rompimento com esse estado de controle no que diz respeito ao espaço do imaginário. Constatamos que Rosário tem em sua natureza a capacidade de acessar esse espaço, uma habilidade que, ao iniciar o seu trânsito pelo mundo, experienciando a marginalização, gradualmente lhe é retirada. Essa aptidão individual era constantemente usada para lidar com a insuficiência da realidade, bem como lidava com a ausência paterna na infância. Rosário concebe no imaginário o pai como um viajante — “eu era dali mas também de qualquer parte por onde meu pai andasse, tinha a pele misturada das cores de toda a gente” (Rezende, 2014, p.29). Assim, inventa um passado para si. Por meio da imaginação sobrepõe uma nova história, na qual pertence ao mundo, tem as cores de “toda a gente” (Rezende, 2014, p.29).

A educação, nesse direcionamento, é o principal gerador de pessoas, corpos constituídos de humanidade. O acesso à materialidade, ou nos termos de Rosário, a conquista do mundo, precisa ser fundamentado em uma educação libertadora. Exemplo disso é o seu encontro com João dos Ais, que lhe permite acessar o mundo das letras, não como ato puramente técnico, mas com melodia, poesia e lições. João é para Rosário a figura que detém o conhecimento capaz de libertá-lo, acessando o que já existe dentro dele: “ele olhou pra mim, por um bocado de tempo, com a mão segurando a goiva como uma lança no ar, eu senti que ele sabia tudo o que havia cá dentro.” (Rezende, 2014, p.78).

Há aqui uma alegoria à educação popular, isto é, o conhecimento posto dentro de um contexto que se utiliza de manifestações culturais. As letras fazem sentido dentro de uma melodia e carregam um ensinamento, não são apenas símbolos. Por esse motivo, é reforçada nossa hipótese da educação popular como intercessor entre o real e o imaginário de Rosário, fundamentada nas relações do eu com o mundo que, segundo Paulo Freire, são “pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas” (1967, p.39). Estar com o mundo faz com que nos percebamos integrante dele, pois somos constituídos por fragmentos do que seria uma enunciação maior, isto é, vestígios de vozes que integram a singularidade, portanto, uma lógica constitutiva de si paradoxal.

Esse preceito alinha-se de forma muito interessante ao arco narrativo de Rosário, que desde o princípio vislumbra o mundo como sua alforria e como um espaço que contempla todas as cores, inclusive a sua. O oco no peito pretende ser resolvido a partir de sua relação com o mundo. Esse oco talvez tenha sido tudo o que herdou dos pais, pois sequer recebeu um nome, sendo conhecido em sua comunidade como Nem-ninguém, de forma que não pertence ao mundo material, embora esteja nele. Ao passo que crescia, aumentava o desejo por descobrir quem era. Quando criança não tinha consciência da tragicidade de sua história: “não imaginava outra vida e por isso não podia saber da minha desgraça” (Rezende, 2014, p.29). Para Rosário a “desgraça” só existe quando se fala sobre ela, e depois que a respeito dela tomou conhecimento, continuou falando dela para que a partir do contraste soubesse o que é o seu oposto, a felicidade.

Ao iniciar sua jornada pelo mundo, o personagem passa a estabelecer novas relações e a costurar sua narrativa de si a outras histórias. Seu encontro com Irene é a interação mais significativa no romance, pois é a partir dela que consegue realizar o seu objetivo inicial. Rosário avista Irene pela primeira vez, debruçada sobre o peitoril de uma janela, e tal como ele, encontra-se numa não vivência; enfasiada, não há pensamentos, memórias, criação. Condição não instituída por sua natureza, já que lhe exige bastante energia para se sujeitar a essa inexistência: “cansada, cansada, como custa esforço não pensar em nada!” (Rezende, 2014, p.9). Sobrevivendo por meio da prostituição, Irene consegue dinheiro para mandar ao filho ainda bebê, aos cuidados de uma senhora em outra cidade, além de conviver com o HIV.

AS CORES DE UM ENCONTRO

A relação estabelecida entre Rosário e Irene os retira desse espaço esvaziado de si. Não apenas lhes dá cores vivas, para além de um horizonte acinzentado, mas impele Irene a resgatar suas memórias, evocar para si histórias diferentes daquelas que lhe foram imputadas. Isso ocorre ao passo que Rosário é alfabetizado por Irene, embora ela não tenha completado o ensino médio. Essa interação se

dispõe de modo natural, como se a existência de ambos estivesse esperando o momento para coexistirem. O afeto, as cores, o desejo, negados a ambos, torna-se possível na união dos dois, como é descrito no primeiro contato entre os personagens: “cores de vida, fanada, mas vida, ainda pulsante, cores redobradas, multiplicadas nos espelhos partidos, no brilho de retalhos de cetim e das franjas do abajur vermelho, coriscos de lantejoulas e miçangas esparsas naquelas coisas cansadas como a mulher” (Rezende, 2014, p. 14).

Esse vínculo entre os personagens garante um estado de criação assegurado pela afetividade que, manifestada frente a uma realidade subalternizada, mostra-se como uma linguagem que, sob a ótica de Karl Erik Schøllhammer (2012), enuncia a voz daquele que diz e não as vozes dominantes. Nesse viés, Schøllhammer elabora a noção de “realismo afetivo”, isto é, a representação da violência corriqueira e da desumanização institucionalizada na instância do afeto torna-se uma direção para que o ponto entre representação e realidade não seja apenas o trauma. Uma linguagem que “simultaneamente inclui indícios que apontam para além da imagem, para o real via seus efeitos sensíveis e estéticos” (Schøllhammer, 2012, p. 7).

A “sensitivização” do mundo material reorganiza a estrutura que se interpõe entre corpo e matéria. Em um realismo fundamentado sob o trauma, a relação entre sujeito e mundo se estabelece no choque, ao passo que a substituição do trauma pelo afeto faculta o contato com o real a partir da “plenitude exagerada, como expressada em certas celebrações, do corpo virtual, possível nas novas tecnologias.” (Schøllhammer, 2012, p. 10). Em vista disso, a estética do afeto se sobrepõe ao que o autor chama de estética do efeito. Ao invés de se submeter a reagir à materialidade de forma apática, pretende-se agir sobre ela. O afeto não se reduz ao contato físico ou emocional, mas é uma postura atravessada pela criatividade e pelas subjetividades do sujeito. Nesse cenário, aquilo concebido no espaço do imaginário se torna real para o enunciador “com a potência de um evento que envolve o sujeito sensivelmente no desdobramento de sua realização no mundo.” (Schøllhammer, 2012, p. 10).

Irene e Rosário permanecem, ao fim da narrativa, na periferia, contudo, o modo como concebem a realidade e a si mesmos gradualmente se transforma. Tornam-se capazes de enfraquecer a fronteira de discursos de poder que os faz ser no imaginário popular apenas uma rasura. Essa delimitação entre os que existem e não existem é posta por Boaventura de Sousa Santos (2007) como um “pensamento abissal” elaborado no mundo material. Preteridos à inexistência estão os “conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas” (Sousa Santos, 2007, p. 3). Uma dinâmica que opera sempre em uma contradição que exige a invisibilidade para que o outro lado da linha possa estar visível. Tal linha abissal legitima determinados discursos como representantes da sociedade civil, à medida que aos invisibilizados lhes restam o lado oposto da fronteira, isto é, onde se encontra de fato, nos termos do sociólogo, o estado de natureza. No entanto, essa fronteira não pode ser eliminada de forma individual e exclusivamente pela materialidade, é preciso a imaginação: “A luta pela justiça social global deve, por isso, ser também uma luta pela justiça cognitiva global. Para ser bem-sucedida, esta luta exige um novo pensamento, um pensamento pós-abissal.” (Sousa Santos, 2007, p. 9).

Giorgio Agamben (2006) elabora a noção de dispositivos concentrando-se nessa universalização de discursos. Ao retomar Foucault para discutir sobre o dispositivo não apenas como ferramenta de manutenção da ordem social do ponto de vista da materialidade, mas igualmente considerando o que o autor coloca como abstrações. Portanto, o dispositivo refere-se a “qualquer coisa que tenha a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. (Agamben, 2006, p. 39)

A relação que se consolida entre o vivente e esses dispositivos possui como resultante, para Agamben, o sujeito. Essa vinculação garante uma narração de si que, no entanto, é articulada por interesses universalizantes. A subjetivação é necessária para o funcionamento desse dispositivo, caso contrário a violência imposta ao sujeito não seria justificável. É preciso uma “domesticação”, fazê-lo crer em sua suposta liberdade enunciativa. Por essa razão, Agamben encoraja a profanação da ordem, retirar aquilo que está em uma esfera superior, hierarquizada, e, por conseguinte mantendo uma estrutura de separação, para, num movimento contrário, trazer para o âmbito humano. Esse “contradispositivo” é a retomada do controle sobre a subjetividade, ou o que para Sousa Santos (2007) seria o pensamento pós-abissal e para Paulo Freire (1970) o direito à humanidade.

Rosário e Irene recuperam sua humanidade, profanam a ordem social que os oprime, por meio do imaginário que tem o seu acesso assegurado pela união dos dois personagens. Um processo que se inicia com a tomada de consciência a respeito da realidade que os cerca, segue a descoberta de uma direção para existir na materialidade que supere o trauma, o que converge para um campo imaginativo que os autoriza uma liberdade criativa para inventar a si mesmos.

Nesse espaço do imaginário, há duas categorias que operam simultaneamente: a memória e a ficção. Ficcionalizar, para Rosário, é um meio de tomar para si a autoria da narrativa de sua vida, visto que apenas a rememoração não é o suficiente. Um processo que, retomando o conceito de mimesis de Aristóteles, trata-se de uma particularidade do ser humano; em outras palavras, a imitação “é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos” (Aristóteles, 1968, p. 41).

Essa noção reitera a ânsia de Rosário por conquistar o mundo através do verbo: “Rosário apressa o passo, já lhe saltam palavras na boca, chega pronto para contar histórias da vida inteira” (Rezende, 2014, p. 23). Para Aristóteles, a função do poeta não é necessariamente narrar o fato ocorrido, mas a possibilidade do que poderia ocorrer. Há na *poiesis* um caráter de invenção que se mistura ao que seria o discurso verdadeiro. Em seus termos: “se lhe acontece escrever sobre factos reais, não é menos poeta por isso: nada impede que alguns factos que realmente aconteceram sejam [possíveis e] verossímeis e é nessa medida que ele é o seu poeta.” (Aristóteles, 1968, p. 54).

Luiz Costa Lima (1980) estabelece uma relação entre mimesis e modernidade, ou seja, o vínculo que nós, enquanto um país colonizado, desenvolvemos com a representação. A representação, neste caso, passa, por vezes, pelo referencial do colonizador que em determinados níveis também já é uma representação. Assim, “tem ademais sobre si o questionamento dos critérios pelos quais a sua própria cultura tem sido interpretada.” (Costa Lima, 1980, p. 12). O discurso mimético, nessa ótica, desdobra-se em uma interminável cadeia de outros discursos. No entanto, cada enunciação é emitida de um lugar. O estrato social, marcas de gênero, e etnias determinam não apenas o alcance como também a validação desse discurso, uma forma de determinação social:

Podemos inferir que esse espaço que supera as delimitações da materialidade, onde há a mimesis, é possível por diversas vias, especialmente no que diz respeito à cultura. Rosário constantemente se refere a esse campo do imaginário a partir do desejo de “ganhar o mundo” (Rezende, 2014, p. 29), ou pelo “mundo das palavras” (Rezende, 2014, p. 14), e até mesmo por meio da referência a Dom Quixote, quem para Rosário, “enxergava o que de fato existia por detrás das aparências de cada coisa que via, porque ele muito sabia, que vivia lendo livros” (Rezende, 2014, p. 31).

A mimesis, desse modo, possibilita a representação daquilo “que é um análogo, algo que não é realidade” (Costa Lima, 1980, p. 95). Não uma suposta representação da realidade, mas a oportunidade de criá-la, moldá-la, sobretudo, em circunstâncias como a de Rosário e Irene, que têm sua capacidade inventiva amordaçada. Esse espaço, mesmo que se sustente em uma relação com a materialidade, não se constitui por medidas sólidas, mas por outro lado precisa da temporalidade, uma vez que se vincula ao social.

Já a memória é o fio condutor de toda a jornada do personagem, pois é o que compõe sua narrativa de vida: “Rosário busca o novelo do fio de suas lembranças, acha a ponta do começo e desenrola” (Rezende, 2014, p. 24). Essa articulação da temporalidade em forma de narrativa, como pensou Paul Ricoeur (1983), faz com que o tempo se alinhe com o que é da ordem humana, além de atribuir um significado lógico ao narrado.

Entretanto, como bem explica Walter Benjamin (1985), a narração exige a repetição. Para que uma história perdure no imaginário coletivo é preciso que seja contada constantemente. Por isso, a importância da memória para o narrador. A reprodução da oralidade, no romance, compreendida como retalhos a serem costurados por Rosário, só é possível em função da capacidade da memória de consolidar narrativas que, de acordo com Benjamin, conseguem “apropriar-se do curso das coisas” (1985, p. 20).

CONCLUSÃO

As letras como signo, tal como o processo educativo de modo geral, mediam, como mencionado, o mundo mimético e a realidade de Rosário. Nesse viés, considerando Ricoeur (1983), a simbolo-

gia é de suma importância ao transferir as memórias na temporalização humana. Neste contexto, a ação não é articulada pelo aspecto racional do psicológico; o resgate de memórias e a invenção auxiliam na ressignificação da ação. Ou, assim como disse Schøllhammer (2012), a substituição do trauma pelo afeto.

O signo garante legibilidade ao narrado. Ao escolher um nome para si, “nome de gente que sabe ler e escrever” (Rezende, 2014, p. 69), ao utilizar a oralidade para narrar suas histórias, ou quando emite sua documentação pessoal, é a demarcação por meio da simbologia de sua existência no mundo real que Rosálio busca:

[...] certidão e RG, CPF, outros papeis e carteira de trabalho, quer que Irene ajude a ler tudo isso direitinho, se apossar desse Rosálio que ali está registrado, a identidade que vale para esse mundo complicado de uma cidade tão grande, porque este homem que eu sou, cá dentro da minha cabeça, que vive aqui no meu peito, por debaixo desta pele que se pode ver de fora, que sofre, ama, duvida, inventa sonhos e histórias, interessa a pouca gente. (Rezende, 2014, p. 180)

O resgate de memórias para Rosálio, mais do que recolher retalhos em busca da reconstituição de uma possível totalidade, é um meio de inventar a realidade: “garimpando na memória retalhos para costurar um no outro e ver nascer outros sentidos que possa desenrolar no papel e um dia vão chamar outros” (Rezende, 2014, p.86). Em linha com Ricoeur, o entendimento cronológico do que é narrado é um desejo de “compreender como e por que os episódios sucessivos conduziram a essa conclusão, a qual, longe de ser previsível, deve ser finalmente aceitável, como congruente com os episódios reunidos” (1983, p. 105).

A rememoração, através da escrita e da narração oral, retira o ocorrido de um passado distante e com o auxílio da ficcionalização permite a Rosálio, ao menos no campo do imaginário, reordenar os eventos passados a seu modo, inventar a si mesmo — “Rosálio corre a memória buscando o que mais dizer, cascavilhando as histórias que conserva na cabeça ou que é capaz de inventar” (Rezende, 2014, p. 115). Entretanto, a realização no mundo material do que é concebido no imaginário é oportunizado pela educação. Não uma educação puramente técnica, mas associada à evocação de histórias e enunciações a respeito de si, que transcende a individualidade e permite a invenção também de uma identidade nacional.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BÍBLIA, A. T. Provérbios. In: **BÍBLIA**. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008
- BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**. Petrópolis: Multinova, 1975.
- DUSSEL, Enrique. **Teologia da libertação: um panorama de seu desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GERMANO, José Wellington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LIMA, Luiz Costa. **Mímesis e modernidade: formas das sombras**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- MAMEDE, Mulherio das Letras Zila. Clube de Leitura: Mulheres Lendo Mulheres - Livro "O Voo da

Guará Vermelha". Youtube, 29 de ago. de 2020. Disponível em: [Clube de Leitura: Mulheres Lendo Mulheres - Livro "O Voo da Guará Vermelha" \(youtube.com\)](#)

MACHEREY, Pierre. **Por uma teoria da produção literária**. Trad. Ana Maria Alves. São Paulo: Mandacaru, 1989.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1997.

REZENDE, Maria Valéria. **O voo da guará vermelha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

REZENDE, Maria Valéria. **A Vida Rompendo Muros: Carisma e Instituição – As pequenas comunidades religiosas femininas inseridas no meio popular no Nordeste**. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula. (Orgs). **Epistemologias do Sul**, São Paulo: Cortez, 2010.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964-1969. *In*: SCHWARZ, Roberto. **Alguns esquemas: o pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Realismo afetivo: evocar realismo além da representação. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 39, jan./jun. 2012, p. 129-148.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.